

Psicanálise, sexualidade e gênero: atravessamentos sociopolíticos na constituição do sujeito

Psychoanalysis, sexuality and gender: sociopolitical intersections in the subjects constitution

Gisele Assuar

Resumo:

Este artigo pretende introduzir uma reflexão acerca das questões de gênero em articulação com o saber psicanalítico. Nossa intenção é mostrar como as questões de gênero marcam o processo de subjetivação, levando o sujeito a encontrar um lugar e uma forma próprios de ser e estar no mundo, num arranjo sempre temporário, precário, demandante de trabalho psíquico, insuficiente e inconcluso. Pretendemos pensar também algumas fronteiras existentes na atualidade entre a Psicanálise e os estudos de gênero e *queer* como espaços porosos, nos quais encontramos possibilidades e limites que nos provocam e nos instigam, enquanto psicanalistas, a revisitar nossas teorias e escuta clínica.

Palavras-chave:

Psicanálise; gênero; sexualidade; estudos *queer*; hibridez.

Abstract:

This article's objective is to foster reflection about gender studies in its relation with psychoanalytical knowledge. Our intention is to expose how gender takes part in the subjectivation process, taking the subject to find its own way of being in the world, a never conclusive and always temporary, insufficient and somehow precarious arrangement. Ever demanding for additional psychic work. In addition, we propose an examination of the contemporary relation between psychoanalysis, gender and queer studies, as a poriferous boundary, where we can find an instigating and provocative environment to revisit psychoanalysis and the clinical listening practice.

Keywords:

Psychoanalysis; gender; sexuality; queer studies; hybrid psychoanalysis.

SALUTE E FIGLI MASCHI¹!!

“Desde muito cedo, ouvi de minha avó um voto que se pretendia de bem-aventurança: ‘salute e figli maschi!’.

A frase vinha em momentos diversos, nos brindes, nas celebrações, até mesmo depois de um espirro. Vinha repetidamente e, ainda assim, nunca se naturalizou para mim, nunca deixou de me inquietar; não entendia por que desejar o bem estaria associado a ‘conquista’ de uma descendência masculina ou talvez não fosse uma questão de compreensão, mas de resistência.

Com o passar dos anos, aos diversos questionamentos que fiz sobre o tema, contrapunham-se sempre outras palavras dogmáticas: ‘filha mulher é problema’, ‘mulher dá muito trabalho’, ou ainda, ‘as mulheres sofrem muito na vida, melhor ser homem’.

Para minha avó, o lugar da mulher era de profunda desvalia, apagamento e subjugação, e isso dizia respeito a uma ordem ‘natural’ que, a seu entender, marcava a diferença dos sexos.

Em mim ficava um estranhamento... Talvez eu não fosse o que ‘deveria’ ser?

Precisou um bocado de tempo e muitas sessões de análise para que eu entendesse que o que eu procurava encontrar, na briga com a frase de minha avó, era um lugar de reconhecimento. Pensava se minha mãe que tinha ‘apenas’ duas filhas seria infeliz por isso e acabava supondo aí uma explicação para qualquer pequeno traço de insatisfação ou tristeza que pudesse encontrar em seu olhar. Foi preciso ainda mais tempo para compreender que diferença não significa necessariamente desigualdade.

Minha avó, no início do século xx, décima primeira filha, nascida num navio de imigrantes que vinham da Itália para o Brasil em busca de trabalho, tinha certeza (será que tinha mesmo?) do lugar hierarquicamente rebaixado da mulher num mundo dominado por homens e acreditava que o natural era que assim mesmo fosse.

1 Saúde e filhos machos!!

Eu pude duvidar, encontrei brechas, encontrei minha própria voz. Entre nós duas, Histórias e histórias em transformação. Sujeitos de tempos diferentes e singularidades diversas, mas imbricadas num encontro geracional, na maior parte das vezes inconsciente, caminhamos juntas.”

Começar este escrito por um depoimento tem uma dupla intenção. Primeiro, mostrar que o que somos ou não somos, o que gostaríamos de ser, o *eu* que construímos e afirmamos estará sempre de alguma forma alienado ao outro que nos recebe no mundo e nos apresenta a ele. Nunca escaparemos a isso. As mensagens, sempre tão enigmáticas², que recebemos sobre nós mesmos já estão prontas antes mesmo de chegarmos à vida, antes mesmo dos nossos pais. Isso é o que nos constitui e também o que nos aliena e nos escapa.

O relato traz, ainda, uma segunda intenção, que julgamos fundamental discutir, pois quando as mensagens que recebemos do Outro promovem desigualdades, silenciamento, opressão e violência legitimados socialmente podemos entender que a história pessoal e a História social se articulam, produzindo em nós um sofrimento sociopolítico que precisa ser reconhecido.

Nesse trajeto, acompanhamos Freud na direção que nos aponta já na introdução de seu *Psicologia das massas e análise do eu*:

Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliar e adversário e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado (FREUD, [1921] 2021, p.14).

Diante disso, este artigo pretende introduzir nossa reflexão acerca das questões de gênero³ em articulação com o saber psicanalítico. Gênero é entendido aqui

2 Para Jean Laplanche, na sua teoria da sedução generalizada, a ideia de mensagem enigmática se refere à relação entre adulto e criança, na qual, pela assimetria de saberes fundante da situação originária, circulam mensagens de significação sexual inconscientes, percebidas pela criança como enigmáticas. Ver: LAPLANCHE, J. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

3 A noção de gênero, criada na década de 1960 pelo psicólogo e sexólogo Jonh Money e pelo psiquiatra e psicanalista Robert Stoller, no trabalho com pacientes intersexo e transexuais, foi retomada na década de 1970 por pesquisadoras feministas que desejavam desnaturalizar a feminilidade. Assim, o conceito normativo tornou-se uma ferramenta de reflexão crítica. Para aprofundamento sobre o conceito de gênero na teoria *queer* ver: RUBIN, G. *Tráfico de mulheres: notas sobre a ‘economia política’ do sexo*. São Paulo: Ubu, 2018; BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

como categoria histórica e social contingente, que procura dar sentido às relações de poder⁴. Nossa intenção é mostrar como as questões de gênero atravessam nossa vida, marcando nosso processo de subjetivação, nos levando a encontrar um lugar e uma forma próprios de ser e estar no mundo, independentemente do naco de sofrimento que isso nos traga, num arranjo sempre temporário, precário, demandante de trabalho psíquico, insuficiente e inconcluso.

Para essa argumentação, apoiaremos-nos, sobretudo, nas teorias sobre a constituição do sujeito e o estádio do espelho, desenvolvidas por Jacques Lacan, e nos aportes de Piera Aulagnier sobre o tema.

Paralelamente, pretendemos pensar algumas fronteiras existentes na atualidade entre Psicanálise e os estudos de gênero e *queer*⁵ como “espaços porosos, nos quais encontramos possibilidades e limites que nos provocam e nos instigam, enquanto psicanalistas, a revisitar nossas teorias e escuta clínica” (ASSUAR; POLISTCHUCK, 2019, p.69).

Queremos colocar em questão se e como a Psicanálise pode oferecer escuta ao sofrimento psíquico resultante das marcas de gênero que atravessam a constituição do psiquismo ou se estaríamos apenas dando continuidade, nos nossos consultórios e instituições, a um discurso hegemônico que reproduz uma lógica patriarcal, heterocêntrica, cisnormativa, opressiva, binária e excludente, direção na qual os estudos de gênero e *queer* apontam suas críticas há algum tempo. Neste desenvolvimento, nos apoiaremos nas construções do psicanalista marroquino Thamy Ayouch, que discute a ideia de hibridez na Psicanálise.

DESTINOS, ARRANJOS, POSSIBILIDADES

*Reconheceram-me logo por quem não era
Eu não disse nada, e me perdi
(Fernando Pessoa)*

O que define ser mulher ou homem numa determinada cultura, num determinado tempo?

- 4 O conceito de poder será usado aqui no sentido foucaultiano de dispositivos que esboçam um efeito de conjunto, de táticas locais, sem transparecer alguém que as tenha concebido ou formulado, garantindo desse modo grandes estratégias anônimas de sustentação das relações de força no campo social.
- 5 Usamos aqui a denominação “estudos de gênero e *queer*” nos referindo de maneira global ao conjunto das teorias que nascem dos movimentos feministas, gays, lésbicos, trans, intersexuais ou *queer*, sem a preocupação de apontar as diferenças de posições, por vezes conflitantes, que existem entre eles, destacando o que nos parece comum a todas essas posições: o questionamento de uma lógica heterocêntrica da binariedade sexo/gênero que sustenta as representações da sexuação e da sexualidade.

No humano, definir a diferença dos sexos é matéria extremamente complexa. Sexualidade, gênero e até mesmo o sexo biológico são resultado de uma intrincada determinação.

Segundo Ceccarelli (2017), mesmo na Medicina, onde o senso comum insiste na configuração binária dos sexos, há que se levar em conta o sexo morfológico, o cromossômico, o genético, o endocrinológico, em uma complexidade de esquemas de genes, enzimas e hormônios que faz parecer que os “estados normais” não passam de um modelo de utopia social. Portanto, nada implica que os sexos sejam pensados necessariamente como dois. Aliás, Freud já nos falava da verdade dessa ideia também no imaginário, como nos mostram as suas teorias sexuais infantis (FREUD, [1905] 2016).

Do ponto de vista anatômico, as coisas também são bastante complicadas. Thomas Laqueur, no seu livro *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud* (2001), numa profunda e rica pesquisa histórica, nos conta que até o século XVIII predominava no Ocidente o modelo do sexo único. Neste modelo, baseado na definição da ordem dos seres de Aristóteles e na do corpo anatômico de Galeno, homens e mulheres se diferenciavam segundo o grau de perfeição alcançada no desenvolvimento de seus corpos. Os órgãos reprodutores eram vistos como semelhantes e correspondentes, diferenciando-se apenas pelo amadurecimento que permitia com que eles ficassem completos e externalizados, como apareciam no homem, ou mal desenvolvidos e encruados no interior do corpo, no caso das mulheres.

Segundo essa teoria, no processo reprodutivo, caberia às mulheres o papel de incubadora, guardando com o calor de seu corpo a semente masculina, única responsável pelo desenvolvimento da vida. A criança gerada seria um ser perfeito, ou seja, nasceria anatomicamente macho, se o calor da mãe fosse suficiente para o pleno desenvolvimento, caso contrário, nasceria um corpo falho, um corpo de mulher.

É interessante notar que mesmo depois da Renascença, quando passou a ser legal a dissecação de cadáveres para estudos médicos, o modelo de sexo único permaneceu. A ciência, mesmo podendo ver, não conseguiu enxergar, preferindo sustentar o “conhecimento” como dispositivo de manutenção de relações sociais de poder, até as vésperas da Revolução Francesa. O que fica claro nas conclusões de Laqueur é que o corpo biológico também se constrói a partir do discurso da cultura. O sexo é linguagem.

Para a Psicanálise, desde sua criação, o biológico está fortemente submetido à dimensão simbólica e ao inconsciente. Os sintomas histéricos e as manifestações psicossomáticas nunca respeitaram leis anatômicas. A nova ciência, nascida no final do século XIX, nos alerta que o corpo é palco de conflitos psíquicos. Ele é pulsional.

Assim, Freud fundou uma nova maneira de ver o sexo, a sexualidade e o desejo. A radicalidade de suas teorias, sobretudo a teoria da sexualidade infantil e das pulsões, coloca em xeque as determinações biológicas da sexualidade, embora nunca as elimine totalmente. Sob sua pena, já em 1905, em *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, deixa claro que a sexualidade infantil perverso polimorfa é atemporal, que a pulsão não cessa de procurar satisfação e que, totalmente diversa do instinto, é desprovida de objeto fixo para realizar sua meta, implicando “escolhas” objetais inconscientes, plásticas e mutáveis. Essa característica anárquica e desnaturalizada do conceito freudiano levou Judith Butler, inclusive, a dizer que a pulsão é, por essência, uma categoria *Queer*⁶.

Mas, como homem de seu tempo, Freud não era imune aos seus próprios arranjos identificatórios e ao discurso social de sua época. Com tantos adendos nas edições sucessivas, o texto de 1905 acaba perdendo sua radicalidade. Freud reafirma em diversos outros artigos que a “anatomia é o destino” e salvaguarda os padrões de “normatividade” de sua época.

Apesar de haver algo de subversivo e inovador, há uma ambiguidade inerente à psicanálise que faz com que, por vezes, Freud esbarre no equívoco de se prestar a certos ideais civilizatórios, ao mesmo tempo que sua teoria faz com que caíam por terra (MOREIRA, 2021, p.29).

É em Lacan que encontramos uma leitura bastante interessante para a compreensão das questões identitárias de sexo e de gênero, que afasta de uma vez por todas os resquícios do biologismo freudiano⁷. O psicanalista francês propõe que ‘Homem’ e ‘Mulher’ são significantes vazios em si, significados pelas insígnias da linguagem, que independem do sexo anatômico. “São marcas com

6 Judith Butler, uma das maiores referências para os psicanalistas brasileiros dos estudos *queer*, utiliza em suas construções teóricas não só o conceito freudiano de pulsão, como também faz uma releitura particular da forclusão lacaniana para cunhar a noção de melancolia de gênero. Para uma discussão qualificada do assunto ver: BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2017; COSSI, R.K. *Lacan e o feminismo: a diferença dos sexos*. São Paulo: Anablume, 2018.

7 A teoria lacaniana da sexuação, articulando os conceitos de semblante, gozo e fantasia, nos permite uma leitura da diferença sexual baseada em posições lógicas que nada tem a ver com o biológico. As fórmulas da sexuação tem se mostrado um terreno fértil para novas interpretações que considerem a problemática política e epistemológica que as teorias de gênero representam. Neste trabalho não desenvolveremos esse aspecto, que pode ser aprofundado em DUNKER, C. *Semblante, gozo e fantasia: uma transleitura da sexuação*. São Paulo: Agente Publicações, 2017.

as quais nos identificamos e devem um tanto ao modo como os pais tomam a criança quando ela vem ao mundo” (PORCHAT, 2021, p.35).

Isso significa dizer que não nascemos menino ou menina, identidade de gênero e sexualidade são aspectos de um psiquismo que se constitui no laço discursivo com um outro, através de um intrincado processo de identificações. A anatomia não é o destino.

[...] No psiquismo não há nada pelo que o sujeito possa situar-se como ser de macho ou de fêmea [...] as vias do que se deve fazer como homem ou mulher, o ser humano terá sempre que aprender, peça por peça, do Outro (LACAN, 2021, p.200).

Antes de prosseguirmos, é importante sublinhar que na perspectiva psicanalítica que assumimos aqui, esse corpo pulsional ao qual nos referimos antes se faz no contato com o outro. Posto isso, é necessário lembrar alguns elementos fundamentais de como se dão os processos identificatórios na constituição do sujeito, deixando mais claro, acreditamos, aonde pretendemos chegar.

Em Freud, a identificação, conceito-chave para a Psicanálise, comporta um jogo de duplo movimento: permite ao mesmo tempo a apreensão do outro e a separação dele, processo que constitui o *eu*. Para o pai da Psicanálise, a identificação é “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (FREUD, [1921] 2021, p.60), sendo o *eu* um “precipitado de identificações”.

Lacan, com seu desenvolvimento da noção de sujeito, modifica e traz contribuições inovadoras para o conceito freudiano de identificação. Em Lacan, é o objeto e não o *eu* que tem um papel ativo no processo, na medida em que o sujeito é constituído pelo outro, ou melhor, pelo desejo do Outro. O desejo dos pais captura o bebê numa “trama de linguagem que guardará ou não um lugar de sujeito para o mesmo, dependendo do arranjo estrutural que lhe proverá o efeito da castração simbólica nos pais” (GARCIA, 2009, p.7). Essa marca, esse traço unário, aliena o sujeito na identificação primeira que projeta sobre ele o ideal de *eu* tramado no narcisismo dos pais. Mas é no encontro especular de sua imagem com o outro, momento estruturante e, ao mesmo tempo, alienante, que se produz, numa identificação primária, a síntese imaginária que chamamos de *eu*, como Lacan nos mostrou no *Estádio do espelho* (1949). É a essa imagem jubilatória, projetada pelo olhar do outro no espelho, que o sujeito se identifica e é a partir dela que se produzem as identificações secundárias.

A identificação seria, portanto, um processo que tem três dimensões: uma dimensão simbólica, que é o nascimento do sujeito do inconsciente e que produz um traço absolutamente singular que marca sua história; uma dimensão imaginária, que forja a imagem identitária do *eu* no espelho e que é sempre uma “linha de ficção” alienante; uma dimensão fantasmática, que dá origem a fantasia fundamental em que o sujeito se identifica ao objeto e vivencia uma cena de conteúdo sexual ou, dito de outra forma, que produz as lentes dos óculos através das quais o sujeito vai enxergar seu mundo psíquico, entender a realidade, se aproximar dos seus objetos e estabelecer suas relações.

Tomando este suporte teórico, podemos dizer que

[...] nascemos com um corpo e, à medida que esse corpo é erotizado pelo outro que nos recebe no mundo e encarna para nós a cultura, teremos que explorá-lo e conhecê-lo. Mais cedo ou mais tarde todos nós teremos que nos haver com o real desse corpo e teremos um enigma singular para desvendar, encontrando um modo próprio de ser e estar no mundo. Segundo Leguil (2016), a forma singular que encontramos para lidar com esse real do corpo estará sempre ligado a algo que nos escapa, algo do inconsciente que nos constituiu e ao qual nos alienamos: o desejo do outro. Independentemente de qualquer norma é nessa alienação ao Outro que nos constituímos e isso estará sempre para além daquilo que podemos controlar (ASSUAR, POLISTCHUCK, 2019, p.77).

Piera Aulagnier também traz importantes aportes teórico-clínicos para pensarmos a constituição do sujeito e seus processos de identificação.

Para essa autora, o Outro, que preexiste ao *eu*, constitui “o espaço onde o *eu* pode surgir”. A mãe⁸ exerce para o bebê a função de “porta-voz”, ela dá sentido às primeiras manifestações do bebê, traduzindo o mundo para o *infans*, uma vez que ela se apresenta para ele como representante de uma ordem exterior, e verbalizando o *infans* para o mundo. Essa antecipação que o dizer e o fazer maternos fazem do conhecimento do bebê só poderão ser metabolizados se a

8 Nos referimos aqui à função daquele/a que, independentemente de seu gênero ou sexualidade, introduz a criança no universo da linguagem, função chamada materna. Optamos por manter “mãe” para estar em acordo com o vocabulário e encaminhamento da autora.

psiquê da mãe puder exercer a função de prótese psíquica, acolhendo o desamparo psíquico primitivo.

Esse encontro, necessário e constitutivo, é também violento. A ideia de violência – que a autora conceitua como “violência primária” – refere-se ao descompasso inevitável entre o que a mãe projeta sobre a criança (a criança ideal) e o que a criança revelará ser (a criança real), porque o *infans* nunca corresponderá às expectativas projetadas nele pelo narcisismo dos pais. O *eu* se constitui, portanto, num espaço pré-formatado por uma espera que não é sua.

A capacidade da criança em responder a essa violência relaciona-se diretamente com o que dela se espera. Tanto uma expectativa desmedida em relação à resposta da criança – a mãe que ‘cola’ excessivamente seu desejo à criança – quanto a falta de expectativa geram um ‘excesso de violência’, com consequências as mais variadas (CECCARELLI, 2017, p.105).

Assim, as contingências que o sujeito deverá enfrentar no seu processo singular de constituição, nesse jogo narcísico de expectativas e decepções, imprimirão marcas das mais variadas no seu psiquismo, promovendo possibilidades de arranjos diversos dos elementos identificatórios, que não necessariamente se submeterão a nenhuma norma desenvolvimentista socialmente estabelecida como adequada. Nesse sentido, é perfeitamente possível que sua “escolha” objetual não se refira ao sexo oposto e/ou o gênero assumido não coincida com o sexo anatômico. Esse pressuposto é de fundamental importância quando pensamos na necessária despatologização do que Judith Butler chama “gêneros não inteligíveis”, infelizmente ainda tão excluídos, na medida em que a continuidade lógica desse raciocínio leva a pensarmos que essas manifestações da sexualidade e/ou identidade são soluções diversas como quaisquer outras.

Para a Psicanálise não importa, portanto, se o/a paciente é homo, hetero, cis⁹ ou trans. Nenhuma antecipação deve ser feita. Em termos de sexualidade e gênero, não existe “transexual típico”, “heterossexual típico” ou “homossexual típico”; o que existe são arranjos possíveis, sempre precários, insuficientes e inconclusos. “Numa análise, o que será de fato relevante é antes a posição que o sujeito ocupa no discurso do Outro e de que maneira ele ou ela está alienada nesse lugar” (AMBRA, 2016, p. 111).

9 O termo cis ou cisgênero foi criado por comunidades trans e se refere a um sujeito não transgênero, ou seja, um sujeito no qual o sexo biológico e a identidade de gênero coincidem. Cis, do latim, significa ‘do mesmo lado de’.

HIBRIDEZ E SUBVERSÃO

Retomando o que dissemos até agora, para a Psicanálise, a sexualidade e a identidade de gênero são construções subjetivas que se ligam aos intrincados processos identificatórios que o sujeito vive no cenário singular de sua própria história, entretanto os aspectos da cultura também o atravessam singularmente, e ele precisará sempre se posicionar em relação a isso. Portanto, a dimensão do gênero interessa à Psicanálise. Interessa, sobretudo, porque é uma dimensão que se materializa, inúmeras vezes, como vulnerabilidade, violência, silenciamento, desumanização, patologização de sujeitos profundamente hostilizados na sociedade e, inclusive, na própria clínica.

E o que significam os atravessamentos de gênero na subjetividade? Recordemos as palavras de Hélène Cixous na potência de seu riso de Medusa:

[...] eu também transbordo, meus desejos inventaram novos desejos, meu corpo conhece cantos extraordinários, eu também, tantas vezes, me senti plena de torrentes luminosas a ponto de explodir, de formas muito mais belas do que aquelas que, emolduradas se vendem por migalhas. E eu também nada disse, nada mostrei; não abri a boca, não pintei com novas cores minha metade do mundo. Tive vergonha. Tive medo e engoli minha vergonha e meu medo. Eu dizia a mim mesma: você está louca! [...] Qual a mulher efervescente e infinita que [...] mantida no obscurantismo e no menosprezo dela mesma pela grande mão parental-conjugal-falocêntrica, não sentiu vergonha de sua potência? [...] não se acusou de ser monstruosa? [...] não pensou estar doente? (CIXOUS, 2022, p.43)

É preciso dizer que há uma resistência conservadora presente em um certo tipo de discurso supostamente analítico que pensa as transformações sociais da contemporaneidade como “ataques à lei simbólica, o que é muito problemático, porque é como se psicanalistas se autoproclamassem guardiães de um funcionamento inalterável do aparato psíquico” (AYOUCHE, conferência, 2020). Para Thamy Ayouch, alguns psicanalistas acabam por perpetuar uma violência de gênero na medida em que se colocam como se detivessem o saber sobre as modalidades corretas de subjetivação e pudessem prescrever uma performatividade de gênero que levasse ao itinerário freudiano do desenvolvimento psicológico: castração, Édipo, assunção da diferença dos sexos, matrimônio feliz e família heteronormativa. Dessa forma, esses psicanalistas acabam se posicionando ao

lado de um discurso que reproduz uma lógica de dominação patriarcal, opressiva e excludente. Comprometida com a ética do desejo, nascida como uma prática e um saber subversivo e libertador, nada disso é função da Psicanálise.

A psicanálise concebe qualquer construção de identidade como unificação imaginária que, embora possa ser politicamente real, é ontologicamente fantasiosa. Mas a abordagem psicanalítica não pode só afastar com um encolher de ombros a questão das identidades minoritárias e referir sua etiologia à fantasia. Essa desconstrução da fantasia de identidade pela hibridez, que quebra toda unidade, deve ser acompanhada de uma análise de como funciona uma identidade implícita na postura enunciativa, supostamente neutra, da psicanálise. Enquanto muitos/as analistas rejeitam as identidades minoritárias como capturas imaginárias, essa mesma captura também caracteriza a identidade majoritária implícita a partir da qual eles/as falam (masculina, heterocêntrica, cis-cêntrica, ocidental, branca), igualmente construída, sem ser, porém, submetida a mesma crítica (AYOUCH, 2019, p.140).

Como pensar instrumentos metapsicológicos que possam dar conta da especificidade dessas identificações e vivências contemporâneas de gênero e sexualidade? Como entender sua singularidade?

Segundo o psicanalista marroquino, não se trata de fazer uma Psicanálise específica para esses grupos, mas de definir uma escuta e teorização psicanalíticas que levem em conta aspectos das particularidades das subjetivações oriundas das posições minorizadas, revendo e reelaborando nosso próprio referencial teórico naquilo que nos parece historicamente datado. A tese, colocada dessa forma, amplia-se não apenas para pensarmos as questões de gênero e sexualidade, mas também para articularmos aspectos étnico-raciais, culturais e linguísticos. Reconhecemos aqui a ideia de uma Psicanálise implicada¹⁰.

Com base nessas reflexões, Ayouch propõe o que chama de hibridação da Psicanálise com os estudos de gênero e *queer*, ou seja, uma Psicanálise em

10 Esse pensamento de Thamy Ayouch, acreditamos, está em profunda sintonia com os estudos teórico-clínicos da psicanalista e pesquisadora Miriam Debieux Rosa, de quem emprestamos o termo psicanálise implicada. Com esse conceito, Debieux se refere à articulação entre a clínica psicanalítica, a política e a cultura no trabalho com sujeitos submetidos a violências diversas, como: discriminação, exclusão social, pobreza, racismo, indiferença, humilhação, imigração forçada e exílio.

interlocução com outros saberes, atenta à necessidade de reconhecimento dessas vozes minoritárias sem, porém, essencializar sua identidade.

A noção de hibridez para o campo analítico está ligada à afirmação da necessária alteridade como fundamento da Psicanálise. A introdução de elementos estrangeiros e heterogêneos, movimento constitutivo da própria Psicanálise, é o que lhe permite resistir a qualquer fixação identitária, inclusive evitando fixar-se numa identificação imaginária consigo mesma¹¹. A hibridez introduz uma subversão no nível enunciativo de todo discurso da cultura, porque coloca em perspectiva a historicidade da prática e da teoria. O que está em jogo nessa definição da Psicanálise é “que esse saber continue a ressoar a multiplicidade das vozes dos/as analisados/as sem que essas sejam silenciadas por uma posição sábia de *expertise*” (AYOUC, 2019, p.156).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o *eu* é constituído pelo desejo do Outro, e o inconsciente, como nos diz Lacan, é a política, a cultura será sempre dimensão da Psicanálise e, diante do sofrimento sociopolítico, cabe aos psicanalistas perguntar: que Psicanálise queremos? Que Psicanálise vale a pena fazer hoje?

É importante alertar que o posicionamento que se toma a respeito das transformações no campo dos discursos sobre sexualidade e gênero e da abertura para uma com-versa¹² com outros campos do saber não passa apenas por aspectos de ordem teórica e científica, mas também pelo campo de valores éticos e políticos. Nesse sentido, não há neutralidade possível. É preciso decidir, enquanto psicanalistas, que lugar queremos ocupar: uma posição dominante, aferrada no universalismo de um único ponto de vista, o que nos parece entrar em contradição com os fundamentos do próprio discurso analítico ou uma posição atenta às multiplicidades de vozes e aos processos de subjetivações minoritários, que inclusive nos ajudam a lançar luz sobre o discurso hegemônico.

Se, como Lacan nos adverte em sua conhecida provocação, “deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN, 1998, p. 321), então devemos estar abertos à questionar constantemente o lugar do qual um/a analista e um/a

11 Como parte da sustentação de sua ideia de que a hibridez é parte constitutiva da Psicanálise, Ayouch se refere longamente ao texto freudiano *O Inconsciente* (1915), retomando com ênfase uma passagem na qual o autor compara a relação do consciente, pré-consciente e inconsciente à miscigenação. No trecho, Freud diz que o Inconsciente perturba o consciente, como o mestiço perturba a ordem colonial. (AYOUC, 2019, p.80).

12 ASSUAR, POLISTCHUCK. Psicanálise e Estudos de gênero: uma com-versa. In: *Psicanálise, Sexualidade e Gênero: um debate em construção*. São Paulo: Zagodoni, 2019.

teórico/a da análise escutam e falam, não isentando seu discurso da mesma crítica que a Psicanálise endereça a outras perspectivas.

A resposta que Ayouch nos traz não é a única. Na última década, no Brasil, assistimos diversos analistas e instituições psicanalíticas saírem do isolamento e buscarem diálogo com o feminismo, o movimento LGBTQIA+ e também com o movimento negro e a perspectiva decolonial. Acreditamos que esses encontros, marcados pelo reconhecimento da importância de outros saberes, não para uma assimilação pura, mas para a construção de um diálogo criativo na alteridade, ampliam os campos e podem permitir à Psicanálise um importante revisitar de si, em consonância com nosso tempo.

Os estudos de gênero e *queer* tem como mérito levar a psicanálise a seus limites e fazer com que ela se esforce para encontrar, nas brechas que seu saber permite, as condições de compreender o campo indefinido e sem fronteiras de gêneros e sexualidades (PORCHAT, 2021, p.32).

Certamente, isso só será possível se levarmos a cabo a radicalidade antinormativa, vocação primeira da Psicanálise, que orienta nosso trabalho clínico, oferecendo nossa escuta como ferramenta de transformação para os sujeitos das mais diversas identificações de gênero e sexualidade, por deixar aparecer, nas singularidades de cada um, aquilo que escapa a qualquer regulação das normas.

REFERÊNCIAS

- AMBRA, P. *O que é um homem? Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente*. São Paulo: Anna-blume, 2015.
- AMBRA, P. A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico. In: *Periodicus: revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades*. Universidade da Bahia, UFBA. v.1, n.5, p.101-120. Salvador, maio/out., 2016.
- AULAGNIER, P. *Um intérprete em busca de sentido*. v.1. São Paulo: Escuta, 1990.
- ASSUAR, G., POLISTCHUCK, L. Psicanálise e estudos de gênero. In: *Psicanálise, Sexualidade e Gênero. Um debate em construção*. p.69-82. São Paulo, Zagodoní, 2019.
- AYOUC, T. *Psicanálise e hibridéz: gênero, colonialidade e subjetivações*. Curitiba: Calligraphie, 2019.
- BIRMAN, J. Sexualidade na contemporaneidade. In: *Caderno de Psicanálise (CPRJ)*, v.40, n.38, p.137-159, jan/jun. Rio de Janeiro, 2018.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CECCARELLI, P. R. *Transexualidades*. São Paulo: Pearson, 2017.

- CIXOUS, H. *O riso da Medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- COSSI, R.K. *Corpo em obra: contribuições para a clínica psicanalítica do transexualismo*. São Paulo: nVersos, 2011.
- COSSI, R.K. *Lacan e o feminismo: a diferença dos sexos*. São Paulo: Annablume, 2018.
- DUNKER, C.I.L. Semblante, gozo e fantasia: por uma transleitura da sexuação. In: DAQUINO, M. (org.). *A diferença sexual: gênero e psicanálise*. São Paulo, 2017.
- FOUCAULT, M. *A vontade de saber. História da sexualidade*. v.1. Trad. M.T.C. Albuquerque e J.A.G. Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas*. v.6. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- _____. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *Obras completas*. v.16. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- _____. Os instintos e seus destinos. In: *Obras completas*. v.12. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- _____. Psicologia das massas e análise do Eu. In: *Obras completas*. v. 15. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2021.
- _____. Sexualidade feminina. In: *Obras completas*. v.18. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- GARCIA, J. C. (2009) O Eu é tudo que se tem. In: *Revista Boletim Formação em Psicanálise*. São Paulo: ano XVII. vol.XVII, jan./dez. 2009.
- IANNINI, G. LIMA, V.M. Encontros à beira do abismo: psicanálise, gênero e estudos queer. In: *Revista Cult Dossiê*. São Paulo: Bregantini. e. 270, jun. 2021.
- LACAN, J. O estádio do espelho. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- _____. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. 2 ed. Trad. A. Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2 ed. Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- _____. *O seminário 20: mais, ainda*. Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LEGUIL, C. *O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan*. Trad. Vera Avelar Ribeiro. Belo Horizonte: EBP Editora, 2016.
- PORCHAT, P. *Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler*. Curitiba: Juruá, 2014.
- ROSA, M. D. *A clínica política em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta, 2018.